

2, 5, and 7 should be deleted”, “writing could be tigher”, etc. Dá para imaginar que é desnecessário, diante do impacto gerado pela espécie dos pareceres, enfatizar o aprazimento causado ao saber que a renomada *Cadernos de Saúde Pública* está contemplando distintas maneiras de se divulgar conhecimentos, reflexões e posturas científicas, que não só aquela baconiana, requerida pela quase totalidade dos corpos editoriais contemporâneos, baseada em falsas objetividade e neutralidade, nas quais vejo inseridos os citados pareceres.

Muitos já atentaram, no prédio de uma unidade de pesquisas em Ciências Sociais da Universidade de Chicago, uma placa com os seguintes dizeres do físico Kelvin: “if you cannot measure, your knowledge is meager and unsatisfactory”. Esta assertiva certamente lá não estaria se dependesse do entender de Minayo & Sanches sobre a complementariedade entre o qualitativo e o quantitativo na compreensão da realidade social.

Pergunto, todavia, como e quando se passa a integração na área da Saúde Pública?

Profundamente anelo ver um desdobramento deste pontapé inicial de Minayo & Sanches especificamente dirigido para aquele domínio. Creio que a especificidade da complementariedade seria, então, melhor apreendida se fossem arrolados pelo menos três elementos, a saber: a natureza intelectual e intrínseca das idéias sobre o objeto da Saúde Pública; seu contexto histórico e social; e as peculiaridades das pessoas que deram maiores contribuições para o campo. Foi deste modo que muito acrescentou-me a leitura do livro intitulado *Quantification: a History of the Meaning of Measurements in the Natural and Social Sciences*, editado por Harry Woolf (Indianapolis, 1961, The Bobbs - Merrill Company Inc.).

Clóvis de Araújo Peres
Instituto da Matemática e Estatística
Universidade de São Paulo

Como eles próprios afirmam na conclusão do artigo, os autores pretenderam dar o pontapé inicial num debate que consideram extremamente relevante e indiscutivelmente promissor — a existência de oposição ou complementariedade

entre as abordagens quantitativas nas Ciências Sociais. Desde o início apontam — corretamente, a nosso ver — que, ao menos do ponto de vista metodológico, não há continuidade entre as duas abordagens estudadas.

Por definição, a pesquisa quantitativa e a investigação qualitativa são atividades de natureza distinta, valendo-se ambas de técnicas e procedimentos também diversos. Enquanto a primeira “*atua em níveis da realidade, onde os dados se apresentam aos sentidos*”, a segunda opera com “*valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões*”.

Já do ponto de vista epistemológico, rebatendo a tese de estudiosos que posicionam a abordagem qualitativa abaixo da quantitativa, em uma suposta escala de cientificidade, os autores acentuam que nenhuma delas é mais ou menos “científica” do que a outra. Ambas envolvem sempre uma construção teórica, ainda que, para isso, utilizem pressupostos de análise e disponham de instrumentos de pesquisa bastante diferentes.

Os argumentos arrolados em defesa desta posição são bastante esclarecedores e cumprem a função básica do artigo, chamando a atenção para as particularidades e especificidades de cada abordagem. Destaca-se, neste sentido, particularmente, a referência quanto aos usos e abusos do instrumental de pesquisa atualmente disponível em ambas as abordagens. A aplicação destas ferramentas, sejam elas quantitativas ou qualitativas, não pode ser vista como uma questão meramente técnica e, portanto, de fácil e imediata resolução por especialistas.

Uma única coisa a lamentar: a exclusão — segundo os autores, proposital — de questões específicas da área de saúde no debate ora iniciado. Tanto a experiência dos autores — profissionais de especialização diversa — quanto a origem curricular do debate — os Seminários Avançados de Teses do Curso de Pós-Graduação em Saúde Pública da Ensp — recomendariam a discussão de temas específicos.

Gostaríamos de ver o dilema quantitativo-qualitativo devidamente problematizado pelos autores, tendo por referência questões suscitadas pelos projetos de tese apresentados durante os seminários que motivaram o artigo. Potencialidades e limites de cada abordagem ficariam

mais bem-colocadas neste contexto, enriquecendo a seção Debates dos *Cadernos de Saúde Pública* como instrumento de ensino e aprendizagem.

Euclides Custódio de Lima Filho
 Instituto de Matemática, Estatística e
 Ciências da Computação
 Universidade Estadual de Campinas

O confronto entre os métodos quantitativo e qualitativo, alienado de um objeto de estudo específico e delimitado ao qual desejase aproximar através de um caminho (*Hodós*), não é o tipo de discussão das mais fecundas que poder-se-ia travar.

Um método se justifica e se estabelece à medida que, por seu intermédio, obtem-se a aproximação de um objeto através da iluminação de um ou alguns de seus aspectos, aproximação esta que viabiliza uma melhor apreensão da realidade estudada, produzindo, inclusive, um conhecimento capaz de transformá-la.

Em outras palavras, o método é bom enquanto ele responde aos propósitos e às necessidades científicas estabelecidas por um dado grupo social, o que, em última análise, remete a discussão para o campo das lutas pela hegemonia no estabelecimento das políticas de ciência e tecnologia de uma dada sociedade, em um determinado momento histórico.

Neste sentido, concordamos com o texto apresentado quando ele conclui que as abordagens quantitativas e qualitativas realmente não se opõem *a priori*, na medida em que, em função de um objeto específico recortado em conformidade com o ponto de vista dos pesquisadores envolvidos, qualquer uma delas pode se constituir no caminho possível, no momento certo.

Da mesma forma, concordamos que tampouco essas abordagens se complementam necessariamente. Esta relação simplesmente não se estabelece, na medida em que não há continuidade entre os métodos. Um não abre terreno para o outro.

A crítica que se faz ao texto apresentado por Minayo & Sanches é que ele, renunciando deliberadamente a discutir o método em sua

relação com o objeto — propositalmente, não se entrou, neste trabalho, nas questões específicas da área da saúde, uma vez que a pretensão do texto era ser introdutório de uma problemática que concerne e ultrapassa o campo —, acaba por inviabilizar uma discussão mais fecunda e conclusiva, na medida em que subtrai da polêmica justamente o critério que deveria validá-la.

A discussão do método viabiliza-se à medida que ela se cola à discussão do objeto que anima este método, discussão esta que, por sua vez, nos remete à discussão mais ampla acerca da finalidade do estudo científico e dos critérios de validação do conhecimento produzido.

Tal crítica, evidentemente, não desmerece as considerações levantadas no texto, sem dúvida um bom “pontapé inicial” num debate realmente relevante, possível e promissor.

Este início de debate cria a expectativa de uma discussão de importantes aspectos relativos às questões que os métodos discutidos suscitam.

Um deles, crucial, é a validação do método qualitativo. O texto de Minayo & Sanches apenas resvala por esta questão quando diz que “*uma das indagações mais freqüentes no campo da pesquisa é a que se refere à representatividade da fala individual em relação a um coletivo maior*”, ou, ainda, quando diz que “*a ênfase quase absoluta na fala como material de análise transforma a questão da descoberta e da validade em habilidade de manipulação dos signos*”. No entanto, em outra publicação (Minayo, 1992) — muito mais densa e analítica — Minayo já aponta para a importância desta questão e sugere que a validação da pesquisa qualitativa passa pelo crivo da “*triangulação*”, que consistiria na “*combinação e cruzamento de múltiplos pontos de vista, através do trabalho conjunto de vários pesquisadores, de múltiplos informantes e múltiplas técnicas de coleta de dados*”. Parece-nos bastante problemático o fato de a validação se dar ao sabor de pontos de vista múltiplos e, talvez, descolados da prática.

Fica também a expectativa de uma discussão aprofundada a respeito das afinidades e adequações entre os objetos e os métodos. O texto aqui discutido não foi feliz ao sugerir que ao método quantitativo cabe conduzir a pesquisa “*em níveis da realidade, onde os dados se apresentam aos sentidos*”, como se os dados estuda-